

Palestra “Nos trilhos do Visconde – A Epopéia de Mauá”

Proferida por Antonio Pastori na AFL – Academia Ferroviária de Letras em 11/04/2011.

Eu selecionei quatro fontes de referência sobre Mauá, desprezando aquele livro mais recente que suponho ser de conhecimento de todos, que é o *Mauá - o Empresário do Império*, de Jorge Caldeira. Os quatro livros selecionados mantêm uma certa cumplicidade interessante entre si:

1. A *Exposição aos Credores*, de 1878, é a sua autobiografia. Escrito em um só fôlego em menos de um mês, valeu-se da sua prodigiosa memória. Não é uma obra prima, do ponto de vista literário, *et pour cause*, Mauá não era um bom redator e nem orador. Mas, sem dúvidas, esse livro tem o mérito de nos permitir beber direto na fonte, sem intermediários.
2. O outro livro é uma obra densa que traça fortes elogios para resgatar a memória, que é o “*Mauá*”, escrito pelo Acadêmico da ABL - **Alberto de Faria** em 1926, com 604 páginas em 31 capítulos.
3. O contra ponto vem poucos anos depois, em 1931 no *Restaurando a verdade*, de Edgar Castro Rebelo, destilando mais de 170 páginas de ódio – ódio não, inveja - a Mauá, e também ao seu desafeto (?) Alberto de Faria. O empenho de Rebelo é desqualificar Faria enquanto que biógrafo de Mauá, fazendo uma rica análise desse livro, porém omitindo, por exemplo, o pagamento da totalidade da dívida por Mauá e a reabilitação do devedor. Esse material está copilado no livro *Mauá & Outros Estudos*, de Rebelo, lançado em 1975.
4. Por fim, me delicieei com o livro de Lídia Besouchet - *Mauá e seu tempo* - uma leitura deveras prazerosa, uma aula de História, Economia e Geopolítica, editado 100 anos após o *Exposição*. O grande mérito desse livro não é o de se deter somente aos fatos, datas, cifras, episódios e falações de Mauá, mas sim no esforço de tentar situar ao leitor como era o Brasil daquele tempo, mais precisamente no segundo reinado de Pedro II, sendo Mauá a sua figura mais proeminente. Há alguns trechos muitos bem construídos dos quais selecionei os seguintes:
 - a) “(...) *compreendido [o Brasil], Mauá reflete todos os vícios da sociedade brasileira mal formada, com a grandeza da sua visão comercial, financeira e industrial sem nos esquecermos jamais que ele é um homem, e não um herói*” (numa das suas poucas críticas veladas a Alberto Faria).
 - b) O Brasil agrário que Mauá interferiu, assim o era devido à “*falta de carvão e o descaso oficial pela siderurgia, não permitindo uma real emancipação econômica paralela a emancipação política para com Portugal. (...) os monopólios comerciais, a presença estrangeira, a falta de educação das massas, o mau uso na exploração do solo, o não aproveitamento da energia hidráulica, os vícios políticos, a monarquia decadente, a concepção humilhante do trabalho que era destinado aos mais humildes*”. Nesse ambiente, havia uma acerta vergonha das elites em se apresentarem como trabalhadores, fazendo com que Mauá fosse incompreendido nessa sociedade, digamos, superficial.
 - c) “*A luta aberta que Mauá sustentou contra a concorrência estrangeira foi sua perda. A tradição comercial brasileira não comportava ainda um grande capital movimentando-se acima do Estado, às vezes em concorrência aberta com ele próprio*”.
 - d) *Seu nome passa a ser pronunciado aos quatro ventos. Até o imbatível Mr. Frogs herói de Julio Verne em “A volta ao Mundo em 80 dias”, tem uma conta corrente num banco de Mauá na ... Inglaterra!*¹
 - e) “*O dinheiro não era para ele um fim, mas um meio. A primeira medida que tomou após a decretação da falência foi abandonar o palacete em Petrópolis, morando numa casa alugada a Rua D. Afonso, também em Petrópolis*”.

¹ Há uma suspeita de que também em outra obra prima de Verne, o *20.000 léguas submarinas*, o submarino Náutilus, após acidente no capítulo final do livro, é reparado em um misterioso estaleiro que se supõe ser o Ponta de Areia. Ainda não comprovei essa tese.

5. Da Introdução de Amaury Temporal na edição de 1996 do *Exposição aos credores*, extraímos as seguintes considerações de Amaury² :
- a) *“Mauá introduziu uma perspectiva diferente para a nação brasileira, não mais centrada no ócio e na ostentação”, enriquecendo a afirmação com uma anedota sobre dois nobres espanhóis. “Diz o primeiro: - Minha família vem de uma longa e impecável linhagem que não trabalha há três séculos; - Pois a minha - diz o outro - não trabalha há seis séculos!!”*
 - b) *Falando do ambiente do 2º reinado, ele afiança que “podemos ver com uma certa angústia (...) governos centralizadores, hipertróficos, castradores da vontade nacional”.*
 - c) *Em 1846, Mauá encerra sua carreira de comerciante bem sucedido adotando a seguinte estratégia: Ao planejar sua primeira incursão industrial em Ponta d’Area, Mauá faz o primeiro estudo do Custo Brasil que se tem notícia, estabelecendo comparativos com os estaleiros Ingleses.*
 - d) *“(…) parece espantoso que Mauá não tenha se dado conta de que ao buscar introduzir um novo paradigma, uma maneira inteiramente nova de pensar, agir e fazer, que desestabilizava o status quo, feriria interesses estabelecidos e, portanto, seria combatido pelo estamento dominante”.*
 - e) *“Mauá sonhou e construiu, venceu e fracassou, correu riscos que eram razoáveis correr e teria sido um dos mais bem sucedidos barões em uma era de barões, se inserido em uma atmosfera favorável à livre iniciativa. Seu maior crime foi ignorar os ditames do Estado hegemônico e supor a liberdade de iniciativa”.*
 - f) *Amaury afirma e lança uma pergunta: “Mauá é um dos poucos heróis nacionais. Quem seria o Mauá dos dias de hoje?”*
6. O *Exposição* - ditado pela dor e escrito com fel - começa iluminando o palco com uma seqüência de considerações que nos revelam muito bem o terrível momento de angústia e amargor da alma ferida de Mauá. Não custa lembrar que a Casa tinha por divisa “**LABOR IMPROBUS OMNIA VINCIT**”; ou seja, *o trabalho persistente tudo vence*. Vejamos alguns trechos:
- a) *Na primavera da vida eu já havia adquirido por meio de infatigável e honesto labor, uma fortuna que me assegurou a mais completa independência. A idéia de possuir uma fortuna era questão secundária.*
 - b) *Influenciou-me um negociante inglês – Carruthers- de inteira probidade da velha escola de moralidade positiva ... que me escolheu para sócio gerente.*
 - c) *Errei grosseiramente a vós credores do Banco Mauá que suportastes comigo as conseqüências do erro(?) optando por uma nova vida de atividade sem precedentes na nossa terra.*
 - d) *(...) vítima de um grande e não merecido infortúnio venho dar explicações àqueles que tem direito de exigí-las ... [assim como] ... também tenho o direito de ser acreditado nessa hora.*
 - e) *A verdade tem sido o escudo que me tem amparado em todas as vicissitudes ao longo da vida.*
 - f) *as explicações das causas que possam ter influído no desastre tocam-me o fundo da alma.*
 - g) *Na idade avançada da vida em que me acho – 65 anos - não posso ter outro objeto em vista senão salvar do naufrágio aquilo que para mim vale mais do que o ouro - um nome puro.*
 - h) *Persisto em acreditar que o infortúnio não é um crime.*

² Percebi que o nome Amaury contém um curioso anagrama (fonético): Mauá ri!

7. A primeira centena de páginas do *Exposição* – lembrando que foram 165 escritas em um mês – são dedicadas a explicar sua situação e o seu envolvimento com 25 empresas, estabelecimentos, projetos, Estradas de Ferro, governos e outros. Começamos falando sobre o **Estaleiro Ponta D’Area**. Antes, um parêntesis: Srs. e Sras. aqui presentes na palestra! Pela minha experiência profissional posso afirmar-lhes que a indústria extrativa – vegetal e mineral – quase nunca enriquece o País que se pauta somente nesses insumos básicos. Isso explica porque Mauá vê em Ponta da Areia a indústria precursora de todos os negócios, no bojo de uma revolução industrial. Diria ele, com muita propriedade: *“A indústria que manipula o ferro é a mãe das outras”*.
- No final do primeiro ano, o capital empregado já era 4x maior. Em onze anos produziu 72 embarcações, muitas foram para a Marinha de Guerra, além dos milhares de tubos de encanamento, dos quais 360 km foram para a iluminação a gás na Capital!
 - Em 1857, o Estaleiro é atingido por um incêndio que a tudo devora. Confessa ele arrependido de ter assumido os prejuízos e deveria ter abandonado o estaleiro, mas resolve investir e recuperar *Ponta d’Area*. Toma empréstimo e moderniza a fundição, permitindo que produzisse em larga escala, graças às novas máquinas a vapor – braços mecânicos – trazidas da Europa.
 - Após reativar o Estaleiro, prega-lhe, o Governo uma dura peça, e Mauá assim desabafa: *“Logo em seguida, a legislação foi modificada sofrendo a concorrência de navios importados sem taxaço”*.
 - Como se não bastasse, as encomendas do governo falham e *Ponta d’Area* produz somente uma única canhoneira. O estaleiro é fechado em 1877, amargando elevados prejuízos.
 - Diz ele: *“A tenacidade que Deus plantou em minh’alma era indomável. Porém, os gritos da inveja e da maledicência (...) soprava rijo sobre meus passos esse vento maligno, que leva o hálito pestilento da calúnia.”*
8. **Cia. de Rebocadores a Vapor do Rio-Grande:** Uma idéia não compreendida para a época. Assumiu 100% dos prejuízos. Hoje os rebocadores mostram-se imprescindíveis para bem operar qualquer porto de forma eficiente.
9. **Cia. de Iluminação a Gás do Rio de Janeiro:** Foi a que mais prosperou dentre as Cias que criou. A idéia se multiplicou no Brasil e Mauá não arcou com nenhum prejuízo, apesar de ter que se desfazer de sua participação acionária.
10. **Cia. Fluminense de Transportes:** Mauá foi convidado a injetar recursos nessa empresa para evitar que caísse na falência. Fez isso e entregou o controle a um amigo que a levou a falência definitiva.
- 11. 2º. Banco do Brazil (1851)**
- O 1º criado em 1808, por D João VI, e faliu em 1829.
 - Uma grande idéia: utilizar os capitais que eram empregados no comércio e no tráfego de escravos dando-lhes uma destinação mais nobre e rentável, através da concessão de crédito/empréstimos.
 - Brigas com Diretores (15), e pressões do governo, levaram-no a liquidar a instituição sem prejuízos.
- 12. E. F. Mauá, na realidade E. F. Petrópolis:**
- Uma grande ousadia, face os ânimos existentes nos anos 1850. Foi toda realizada em 20 meses com recursos próprios sem garantias de juros. Alegaram que *“Não podiam sobrecarregar o tesouro com tamanha despesa”*.
 - A inauguração da Estrada União & Indústria-U&I, em 1861, revitaliza a E. F. Mauá com a carga do Café. Porém, três anos mais tarde a E. F. D. Pedro II chega ao Vale do

Paraíba em 1864, em especial em Três Barras (hoje, Três Rios), entroncando com a U&I e capturando, assim, a carga de café Mauá.

- c) A alfa das nossas ferrovias encontra-se hoje esquecida e abandonada, apesar de tombada pelo Patrimônio Histórico e mesmo após mais de duas décadas de empenho infrutífero do “Povo dos Trilhos”³ para reativá-la.

13. Navegação a Vapor no Rio Amazonas

- a) Foi mais uma das suas grandes idéias: Argumentava ele que a navegação pelo Amazonas seria uma forma de converter em riqueza os grandes elementos naturais disseminados sobre a extensão de um território tão vasto como o que compreende o Brasil, onde a população é relativamente escassa.
- b) Alerta ele, evocando três princípios para bom emprego do Capital Econômico, vigentes nos dias de hoje, que resumidamente seriam os seguintes:
- i. *A renda deve ser proporcional aos riscos;*
 - ii. *Manutenção e conservação do valor do Capital quando da liquidação;*
 - iii. *Toda aplicação de recursos - investimentos - tem direito a um lucro.*

14. **E. F. do Recife a São Francisco:** Foi a segunda ferrovia a ser implantada no Brasil. Sua saída do negócio foi porque *“Infelizmente a Cia. caiu nas mãos de maus empreiteiros – a base de dados era imperfeita e inútil -, a pior desgraça que pode acontecer a empresas semelhantes”*.

15. **E. F. da Bahia:** Uma das poucas estórias bem sucedidas. Mauá apenas forneceu os fundos e os recebeu de volta, embora com demorado atraso.

16. **Cia Diques Flutuantes:** Uma grande idéia que não deu certo. Por se tratar projeto desenvolvido por empregado seu, assumiu sozinho todos os prejuízos sozinho e dissolveu a Cia, reembolsando aos acionistas.

17. **Cia de Cortumes.** Julgando tratar-se de uma boa idéia, associou-se, entrando com 1/6 do Capital. Devido à má gestão amargou grandes prejuízos que foram além do capital empregado.

18. **Cia de Luz Esteárica:** Idem, o que foi dito acima.

19. **Montes Áureos Brazilian Gold Mining:** O velho golpe sórdido da mina de ouro. Uma fraude mineral que Mauá acreditou liderando o processo e captando capitais londrinos. Foi um desastre financeiro completo, pois as jazidas haviam se esgotado há muito tempo. Ingenuidade?

20. Estrada de Ferro de Santos a Jundiahy:

- a) Uma das maiores fraudes contra Mauá, que influiu decisivamente nas finanças da casa Mauá, impossível de explicar nesse momento, requerendo uma palestra específica, ao que sugerimos aos presentes.
- b) Trata-se de um vergonhoso exemplo de má fé, abusos, pura maldade eu diria, aliados a concorrência do favorecimento - ou desinteresse, omissão - das autoridades brasileiras aos ingleses em detrimento de Mauá.

21. E. F D. Pedro II

- a) Ajudou na organização dessa, até hoje importantíssima, Estrada de Ferro, a terceira inaugurada no Brasil, sendo o Banco Mauá o depositário dos fundos. A esse respeito,

³ Povo dos Trilhos é uma expressão cunhada pelo ilustre Professor Victor José Ferreira para definir o conjunto de ferofans formado por ferroviaristas, ferroviários (ativos e aposentados), ferromodelistas, preservacionistas, pesquisadores, simpatizantes, curiosos e assemelhados.

diz ele: “Depois de obtido do Governo Imperial o privilégio exclusivo das cinco léguas laterais ao longo da linha, abandonei-o sem indenização alguma a pedido do Visconde do Paraná, quando foi contratada a primeira seção – por volta de 1856 ou 57 – da E. F. D. Pedro II”.

- b) Já em 1864, essa concorrente que ele ajudou a nascer estava começando a prejudicar enormemente sua obra, e em 1881 a E. F. Mauá já estava nas mãos da Grão-Pará, sem contudo, ainda ter chegado a Petrópolis⁴. Mauá se justifica explicando que “o bem maior da Nação deveria prevalecer mesmo que isso concorresse para o seu próprio prejuízo”, no caso, a perda de carga da Mauá para a Pedro II.

22. **Caminho de Ferro da Tijuca:** Mauá era contra a empreitada. Durante uma viagem sua, diretores do Banco Mauá concederam vultoso empréstimo para esta Cia., que logrou um desastre financeiro logo em seguida. Golpe ou incompetência? Merece uma investigação.

23. **Botanical Gardens Railroad Co.** Outro caso muito semelhante ao acima, só que ao contrário, pois a diretoria promoveu a venda das ações de Mauá e a sua saída de uma Cia. que se tornou altamente rentável, terminando por virar os famosos *Carris* e “*Bondes da Ligth*”.

24. **E. F. de Antonina a Curitiba:**

- a) Um excelente projeto elaborado a cargo do Eng^o. Antonio Rebouças, onde Mauá se mostrou disposto a concorrer com os capitais próprios necessários.
- b) Com a morte de Rebouças, e rivalidades locais entre as duas cidades que brigavam pela primazia do km zero, a obra não avançou, ao que Mauá teria dito: “*Alheio a essas intrigas locais⁵, pois como brasileiro jamais me associei a idéia do bairrismo. Encarando sempre de mais alto os melhoramentos materiais do País, não hesitei em declarar ao outro empresário que de bom grado lhe cederia os direitos (...) pois o grande pensamento que me arrastava com entusiasmo era a E. F. do Paraná a Matto-Grosso, com seu complemento em direção a Bolívia*”.

25. **E. F. do Paraná ao Mato-Grosso:** Trata-se de uma defesa apaixonada das E. F.:

- a) “*Desses estudos resultou a minha mais profunda convicção em meu espírito de que em qualquer parte onde for julgado conveniente abrir uma estrada de rodagem para servir a interesses criados ou a criar, a via férrea será sempre preferível e a mais econômica. (...) Não recomendo a construção de estações monumentais, como existem na Europa, e que as diretorias sejam mínimas, com poucos diretores. Sustento, porém, que a via férrea em todas as hipóteses será sempre o meio de comunicação mais fácil e mais barato. A estrada de rodagem comum, por mais perfeita e mais bem servida, não poderá jamais competir com o transporte pela via férrea mais imperfeita (...) custando o preço do frete 1/3 em relação à estrada*”.
- b) Ao final dessa explicação, surge uma confissão, uma preciosidade reveladora da alma e do caráter de Mauá: “*Havíamos feito voto de dedicar toda nossa vida aos melhoramentos materiais do nosso país, fossem quais fossem os desgostos que daí nos proviessem (...) e se não mais fiz, foi devido aos obstáculos que encontrei.*”

26. Para não nos alongarmos muito, dispensamos comentários ao **Cabo Submarino, o Abastecimento d’Água do Rio de Janeiro, e a E. F. do Rio Verde**, pois somente ratificam a grande visão multifaceta dos negócios de Mauá. O derradeiro negócio, merecedor de sessenta e tantas páginas na Exposição aos credores, é o **Banco Mauá & Cia.**:

⁴ Isso aconteceria a partir de 1881, graças aos projetos que ele entrega graciosamente aos Sócios da Grão-Pará.

⁵ Refere-se às Cidades de Antonina e Paranaguá, saindo esta última vitoriosa, em 1883. Contudo, como compensação, surgiu uma solução *salomônica* um ramal de 16 km partindo de Morretes até o Porto de Antonina, em 1892.

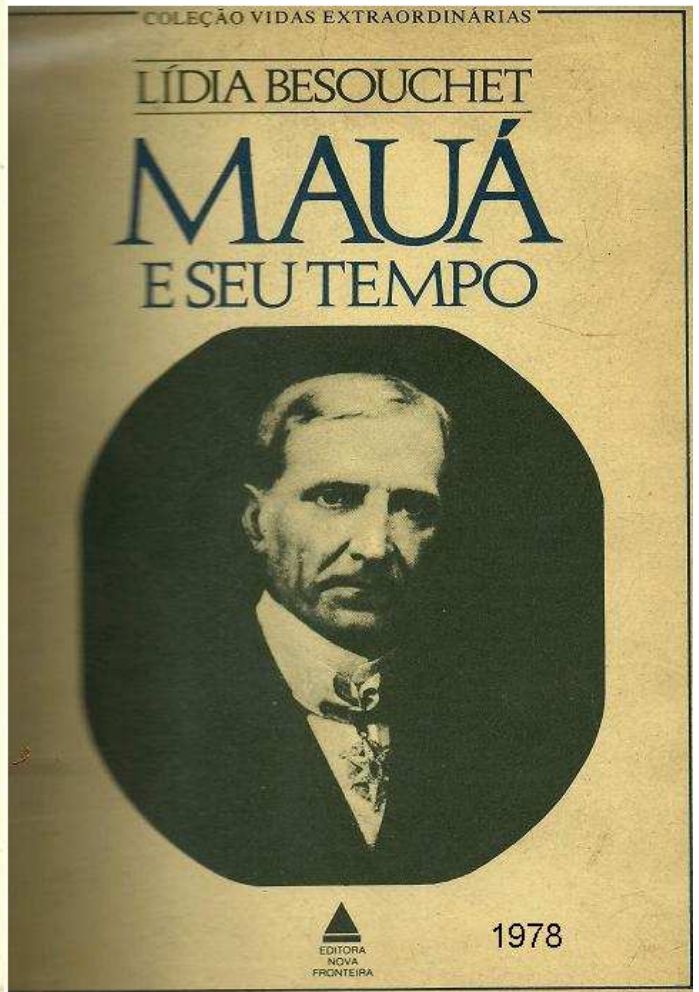
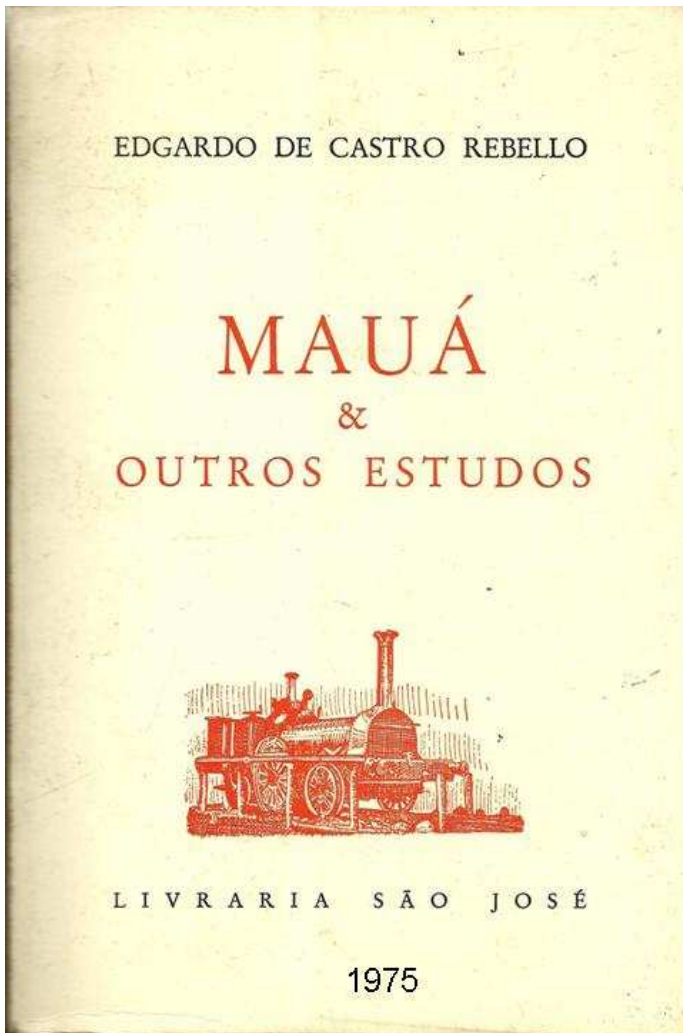
- a) O Banco passou incólume por várias crises: EUA 1857, preços do café em queda, câmbio, etc.
- b) A idéia era concentrar os recursos - e riscos - num só Banco, apesar de ser favorável a livre concorrência e detestar monopólio.
- c) A crise no Uruguay, a obrigação de ajudar financeiramente o Governo de Montevideo (a pedido do Gov. Brasileiro), e a Guerra do Paraguay, causaram sucessivas perdas ao Banco, não só junto a alguns clientes e mutuários, mas também em face da arbitragem dos governantes do Uruguay e Brasil.
- d) O auxílio pedido ao Banco do Brasil não veio, pois *“O rigor dos Estatutos do Banco não permitiam o auxílio solicitado e por isso tive de pedir moratória, que ficou assegurada pelo parecer dos peritos – vogaes do Banco do Brasil e do Tesouro - quanto à total capacidade de solvência da Casa Mauá”*.
- e) *“Desde então, não obstante, dei por finda minha carreira financeira, pois não podia ocultar-me das consequências do desastre.*

27. Epílogo: Sobre sua falência e moratória, colhemos o seguinte:

- a) Mauá enumera seis causas para sua derrocada:
 - i. *Intervenção indébita do poder executivo na organização da sociedade bancária, baixando decreto de efeito retroativo obrigando a sociedade a constituir-se de modo diferente ao pensado;*
 - ii. *As leis financeiras que encontram reprovação geral e punem a livre iniciativa;*
 - iii. *Decisões injustas e equivocadas dos tribunais do meu país;*
 - iv. *A E. F. Santos à Jundiahy com a “ajuda” do Gov. da Província de S. Paulo;*
 - v. *As graves ocorrências na República do Uruguay.*
 - vi. *Falta de proteção do Gov. Imperial aos negócios dos súditos em outros países.*
- b) Em 1867 os Balanços consolidados das Casas Mauá e Cias. totalizavam 115 mil contos de réis, sendo 18,5% maior que orçamento do Império, de 97 mil contos de réis.
- c) Lembra que em 1874 estava à frente de um grupo financeiro que inaugurava a ligação telegráfica submarina com a Europa e os EUA, recebendo o título de Visconde.
- d) Um ano depois, é declarado insolvente e abandonado à própria sorte pelo governo.
- e) Durante os três anos da moratória, Mauá fizera vultosos ingressos pessoais ao Banco do Brasil, que lhe negara o crédito de 300 contos para pagar os 25% restantes junto aos credores. Assim, devido ao rigor das leis brasileiras, declarou-se sua falência.
- f) Apesar das dificuldades de comunicação à época, Mauá tentou comunicar-se através de carta circulares a todos os credores. Cerca de 1.500 deles se manifestaram dispostos a negociar. Um credor respondeu: *“- Minha fortuna é de 60 mil pesos. Disponha da metade, se não precisar de toda”*. Mais uma vez o rigor das leis brasileiras não levaram esse fato em consideração...
- g) A lei brasileira permitia conservar bens de uso pessoal, mas Mauá não quis valer-se dessa prerrogativa e vende tudo. Mauá leva seis anos para quitar o restante da dívida. Em 30/01/1884 o Juiz Miguel Calmon pronunciou a sentença de reabilitação comercial e sem se preocupar com o protocolo, abraçou-o emocionado na sala de audiências.
- h) Depois de retirado de todos os negócios, recusou sistematicamente todos os convites que lhe fez o Imperador e outros notáveis para participar de diretorias, eventos, inaugurações etc. Montou um escritório de corretagem no Rio,
- i) Em 1889 chega ao final da Linha, na última estação inexorável a que todos nós nos dirigiremos um dia.

Encerrando essa palestra, reproduzindo a última frase do *Exposição aos Credores*:

“Pela parte que me toca, fui vencido, mas jamais convencido”.



EXPOSIÇÃO

DO

VISCONDE DE MAUÁ

AOS

CREDORES DE MAUÁ & C

E

AO PUBLICO

RIO DE JANEIRO

Typ. Imp. e Const. de *J. Villeneuve & C*

61 — RUA DO OUVIDOR — 61

1878

ALBERTO DE FARIA

MAUÁ

IRENÉO EVANGELISTA DE SOUZA,
BARÃO E VISCONDE DE MAUÁ

1813 - 1889



1926
PAULO PONGETTI & CIA.
RIO